

Comunidade dos Arturos: Memória, Patrimônio Cultural e Identidade

Leila Martins Ramos

Resumo:

O Objetivo deste artigo parte do princípio de que a análise sobre qualquer aspecto cultural das sociedades modernas, onde tudo se movimenta em direção internacionalizada e em altíssima velocidade, não pode deixar de considerar a negociação estabelecida entre seus bens culturais.

Tal proposta insere-se neste contexto com o objetivo de avaliar os aspectos culturais da Comunidade dos Arturos - comunidade quilombola situada na região metropolitana de Belo Horizonte - enquanto importante elemento do patrimônio cultural imaterial do país. Mas vai além, objetivando reconhecer o patrimônio cultural da Comunidade como algo construído com base em diferentes articulações. Será importante também analisar como essa relação se deu a [ponto de permitir o resultado encontrado hoje em torno da "Identidade Artura".

Como foi possível para os membros da Comunidade trabalhar no sentido de manter suas tradições e valores em meio a um mundo dinâmico e internacionalizado, onde as fronteiras culturais estão cada vez mais sutis? Para tanto, elementos sempre trazidos a tona pela sociedade contemporânea, será de fundamental importância.

Palavras Chave: patrimônio cultural, identidade, negociação.

Abstract:

The aim of this paper is based on the principle that the analysis of any cultural aspect regarding modern societies – where everything moves rapidly towards an internationalized direction – cannot disregard the negotiation established among such societies.

Such proposal suits this context aiming to evaluate cultural aspects in regard to the *Arturos* Community as an essential element of the immaterial heritage of the country. *Arturos* is *quilombola* community (A *Quilombola* is a resident of a *Quilombo* in [Brazil](#). They are the descendents of [slaves](#) who had escaped from slave [plantations](#) in [Brazil](#) until [abolition](#) in 1888.) located in Belo Horizonte Metropolitan area. Moreover, this paper aims to acknowledge the Community's cultural heritage as something which has been built based on diverse articulations. It will also be important to analyze how such relation occurred resulting in the outcome which was currently found regarding the "Arturo Identity".

How was it possible for the members of the Community to behave as to maintain their traditions and values in a dynamic and internationalized world, where cultural boundaries become more and more subtle? As to do so, it is essential to evaluate the relation established

between traditional elements of the *Arturos* Community and the elements which are often brought by the contemporary society.

Keywords: cultural heritage, identity, negotiation.

O objetivo deste artigo é discutir a formação cultural de grupos e indivíduos, mais especificamente a constituição de seu patrimônio cultural, enquanto elemento de construção de sua identidade, não só historicamente mais também enquanto peça de sustentabilidade de um sentimento, ainda presente, que permite a identificação com a história de seus antepassados e com seus pares.

É importante considerar ainda que estes grupos não existem de forma isolada e que portanto sua formação se deu baseada também nas relações estabelecidas com os outros setores da sociedade. Tantas vezes trata-se de uma relação com base nos processos de exclusão e inclusão, possibilitados ao longo de sua trajetória e que permitiram a esses grupos uma definição de lugar e um olhar sobre si, a partir de um olhar sobre o outro, ou seja a partir das diferenças.

Mas para pensar na formação de grupos a partir das diferenças e por conseguinte da identificação de um grupo é necessário pensar nos terrenos onde estas diferenças coexistem e como dialogam. E quando avalia-se a diferença vem logo um olhar sobre a dicotomia da observação de "nós" a partir "deles" e "eles" a partir de "nós", inclusive considerando que no diálogo que fazem, essas diferenças podem mudar ao longo do tempo ou das circunstâncias. Tal perspectiva leva também a outra consideração importante na análise sobre os aspectos culturais e de identificação de grupos e indivíduos - o fato de que os sinais e emblemas percebidos neste processo de identificação só podem ter validade quando assim são reconhecidos pelo grupo e não por um observador a distância.

Entramos agora no terreno do patrimônio cultural desses grupos, no terreno dos critérios e sinais de identificação que implicam em sua persistência, daquilo que lhes permite uma referência de origem comum e que não se trata de um passado conforme o que é dado pelo sentido da ciência história e sim de um passado que alimenta a memória coletiva do grupo.

Em um breve histórico da formação das comunidades quilombolas ou remanescentes de quilombo no Brasil cabe ressaltar que sua definição vem primeiro espacialmente, ou seja com território especificado e delimitado, onde todos os membros estarão concentrados, ainda que sua interlocução com o "externo" seja intensa. Também não se trata de uma designação para grupos isolados ou de uma população homogênea. Nem de um terreno com resíduos e resquícios arqueológicos de ocupação temporal ou de comprovação biológica, mas sim de grupos que desenvolveram práticas cotidianas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos e na consolidação de um território próprio.

E através disso permitir que estes povos e estas culturas saiam do lugar de discriminados e marginalizados em que tantas vezes estiveram, para ocupar o seu devido lugar enquanto símbolo de uma nação na sua composição cultural.

Segundo Pierre Nora (1993) a memória verdadeira¹, como é chamada pelo mesmo autor passa por um movimento de transformação na historiografia contemporânea onde a relação história, memória e nação aconteceria de forma menos formalizada e condicionada a definição do nacional que se daria a partir da existência de projetos sobre memória particulares e de mentalidades.

Com isso surge uma nova concepção onde a memória passa a ser entendida também como parte componente de cada indivíduo e a origem de onde este tiraria suas referências e influências, ou seja as lembranças que traz consigo contribuirá para compor a memória do grupo a qual pertence. Para tanto será necessário que haja muitos pontos de contato entre a memória individual e a memória coletiva. A memória mais ampla ou talvez possamos chamá-la apenas de memória é esse terreno de contato entre a memória do indivíduo com a memória do grupo.

Para Maurice Halbwachs (1990) a memória da pessoa está amarrada a pela memória do grupo, e ainda, "lembrar não é reviver", mas refazer, reconstruir, com idéias de hoje aquilo que fica no passado e o jogo das lembranças se adapta ao conjunto de nossas percepções atuais.

¹ Memória Verdadeira é o que Pierre Nora considera em seu texto "Entre memória e história: a problemática dos lugares" um instrumento poderoso de posse do Estado Nação a favor de sua política de constituição e reafirmação dos governos. Imbuídos do sentimento de que sua tarefa era construir uma nação estabeleciam por meio de políticas culturais a memória que seria a responsável pela história que os representaria.

Nossas lembranças permanecem sempre coletivas à medida que serão sempre influenciadas por aqueles que estão conosco, o grupo a qual pertencemos.

Para uma memória coletiva os homens estão engajados em uma sociedade - em uma relação entre membros - que pode ser sentida em quadros e escalas diferentes, ou seja, para eles as lembranças surgiram a partir do grande envolvimento e significância dessa relação.

Quanto ao patrimônio cultural, a abordagem dada por José Reginaldo Gonçalves (2003) revela que as obras que o compõem constituem importante depoimento da memória de um grupo. Estas obras devem ser analisadas reconhecendo o campo do patrimônio cultural como categoria de pensamento, podendo assumir contornos variados em contextos históricos culturais distintos e importantes para a vida social e mental da coletividade. Mas reconhecendo-o também como instrumento em permanente processo de construção capaz de determinar a formação de identidades.

De acordo com Vera Dodebei² um aspecto que deve estar sempre presente no estudo do comportamento do patrimônio, em suas configurações contemporâneas, é o cenário onde é produzido. Neste sentido, o patrimônio cultural imaterial identificado como característico de, pode ser entendido como elemento constituinte de seu patrimônio cultural. Por meio da transmissão de histórias de vida, valores, crenças, comportamentos e tudo que envolva seu modo vida característicos e que marcam a existência desse grupo torna-se possível identificar especificidades que vão distinguir esse grupo dos demais.

Tal perspectiva tem o efeito prático de produzir um tipo de conhecimento que, ao determinar a indivíduos e grupos seu lugar no universo social, pretende revelar suas identidades, até por eles próprios “desconhecidas”.

Como importante análise ainda a fazer para este artigo encontramos a perspectiva de Nestor Clanchini (1996) em seu livro *Consumidores e Cidadãos*, onde aborda a negociação da identidade das classes populares. Reflexão trazida a este artigo para pensarmos a constituição de um patrimônio cultural com base elementos presentes na memória coletiva e individual de um grupo e conseguinte como instrumento de formação de sua identidade. Em seu estudo

² Esta abordagem encontra-se na comunicação apresentada pela professora Vera Dodebei no GT: Organização do Conhecimento e Representação da Informação no VI ENANCIB, Florianópolis, nov.2005.

sobre políticas culturais para afirmação da identidade mexicana com os habitantes da cidade de Tijuana, a partir de um quadro de intensa hibridização frente a crescente influência americana a esta cidade, visto que a mesma está situada na fronteira norte do México.

O mexicanos de Tijuana sustentam que não são menos mexicanos que os habitantes do centro e sul do país até mesmo porque experimentam a diferença entre americanos e mexicanos na sua forma mais evidente e no contato direto e a partir de então são obrigados a discernir entre o próprio e o alheio o tempo todo e por isso:

"...afirmam em espaços e rituais específicos sua identidade originária, reformulam seu patrimônio cultural assimilando saberes e costumes que lhes permitem recolocar-se em novas relações sócio culturais, políticas de trabalho. Sem, dúvida continuam sendo mexicanos (e o racismo americano faz com se lembrem disso a cada momento), mas sal identidade é poliglota, cosmopolita, com uma flexível capacidade para processar as novas informações e entender hábitos distintos das suas matrizes simbólicas de origem." (CANCLINI, 1996, pag.234)

A Comunidade dos Arturos

Comunidade dos Arturos é formada pelos descendentes de Artur Camilo Silvério e está situada num pequeno sítio de 6,5 hectares nos arredores de Contagem, região metropolitana de Belo Horizonte. Definida como agrupamento familiar recebeu em 2004 o título de comunidade remanescente de quilombo. Essa titulação deve-se a seu histórico como uma comunidade de descendentes de africanos, possuidora de uma identidade afro-brasileira e representante da cultura negra no Brasil e não por ela ter exercido de fato papel de quilombo em tempos de escravidão³.

Arthur Camilo nasceu sob a Lei do Ventre Livre de 1871 e foi enviado por seu pai, ainda criança, para trabalhar como peão na fazenda de seu padrinho. Não era escravo, mas conheceu de perto os horrores de uma mentalidade escravagista, enquanto ainda estava sob a tutela

³PEREIRA, Priscila Gardênia Gonçalves. *Arturos: comunidade, resistência e tradição*. 2006. Projeto de pesquisa - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Departamento de História. Monografia apresentada como relatório final ao Programa de Bolsa de Iniciação Científica (PROBIC) da PUC ao Departamento de História da Puc-Minas, Discute as formas de resistência da Comunidade dos Arturos através de sua religiosidade e tradições.

desse padrinho. Já adulto fugiu para a Fazenda do Macuco onde constituiu família. Tinha o objetivo de mantê-la família ao seu redor e unida pela fé a Nossa Senhora do Rosário, de quem era devoto. Tratou, como praticante do Congado, de transmitir sua crença religiosa a seus descendentes⁴.

Ao avaliar os aspectos culturais da Comunidade dos Arturos, enquanto importante elemento do patrimônio cultural do país é possível ao mesmo tempo delinear caminhos que levam a conclusão da existência de uma “Identidade Artura”. Mas vai além, pretendendo reconhecer o patrimônio cultural da Comunidade a partir do sincretismo cultural brasileiro, como algo construído com base em influências internas, é claro, mas também externas a seus elementos 'originais' e como essa relação se deu a ponto de permitir o resultado encontrado hoje em torno da “Identidade Artura”.

Hoje a Comunidade dos Arturos está envolvida em ações e projetos integrados ao resto da sociedade. Precisaram abrir suas portas às influências externas não se permitindo ser um nicho cultural. Como foi possível para os membros da Comunidade trabalhar no sentido de manter suas tradições e valores em meio a um mundo cada vez mais dinâmico e internacionalizado, onde as fronteiras culturais estão cada vez mais sutis? Para tanto, avaliar a relação estabelecida entre os elementos tradicionais característicos da Comunidade dos Arturos e os elementos sempre trazidos a tona pela sociedade contemporânea, na construção de seu patrimônio é de fundamental importância.

Definida como agrupamento familiar e tendo como uma de suas principais características o sincretismo religioso, em 25 de novembro de 2004 recebeu o título de comunidade remanescente de quilombo. Foi considerada remanescente de quilombo não por ter exercido de fato este papel em tempos de escravidão e sim pelo seu histórico como uma comunidade de descendentes de africanos, possuidora de uma identidade afro-brasileira e representante da cultura negra no Brasil.

Formada pelos descendentes de Artur Camilo Silvério, a Comunidade dos Arturos está situada nos arredores de Contagem, região metropolitana de Belo Horizonte. Arthur Camilo nasceu

⁴ GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edmilson de Almeida. *Negras Raízes Mineiras: Os Arturos*. ed. Belo Horizonte: Maza, 2000. Este livro trabalha a origem histórica da Comunidade dos Arturos

sob a lei do ventre livre e foi enviado por seu pai, ainda criança, para trabalhar como peão na fazenda de seu padrinho. Não era escravo mas conheceu de perto os horrores de uma mentalidade escravagista, enquanto ainda estava sob a tutela desse padrinho. Já adulto fugiu para a Fazenda do Macuco onde constituiu família. Tinha o objetivo de manter a família ao seu redor e unida pela fé a Nossa Senhora do Rosário, de quem era devoto. Tratou, como praticante do Congado de transmitir sua crença religiosa a seus descendentes.

Constituída primeiramente como uma comunidade rural, foi perdendo tal característica com o passar do tempo e com o desenvolvimento da cidade de Contagem, que passou a absorver os moradores da Comunidade para trabalhos na cidade.

Este pequeno sítio, que hoje tem 6,5 hectares, acabou transformando-se em um universo singular, onde se conservam as tradições recebidas pelos ancestrais na experiência do sagrado e através de festas religiosas por mais de um século.

Suas crenças, a prática do Congado, a definição de um espaço próprio de convivência e de práticas culturais, bem como a preservação de seus costumes pelos mais jovens devido a insistência dos mais velhos em manter viva, através da memória, da história contada oralmente de pais para filhos, determinam seu patrimônio. Percebe-se claramente que a comunidade dos Arturos não se mantém unida somente pela delimitação de seu espaço de convivência. São também nas lembranças da infância que os filhos de Arthur Camilo resgatam os ensinamentos do pai. A memória vem legitimando as ações da comunidade e as responsabilidades vão sendo transferidas e divididas com os mais novos.

"...é comunicando com eles, dando a eles apoio, conversando com eles o valor que tem a Comunidade para eles não deixar...Mostrando para eles aquilo que nossos pais passaram para nós, né? Passar para eles também. Porque? Nós temos um dever de casa para cumprir aqui na Comunidade. Quando o vô faleceu, antes dele falecer ele falou pros filho dele 'eu quero que ocês permanece unido'aí os filhos dele passou pra nós, que somos netos 'eu quero que ocês permanece unido'e nós temos que passar pros nossos filhos pra permanecer unido
Muita conversa... Paciência com eles. Tem de levar na conversa senão não adianta. Na maioria das vezes dá muito certo. Conversando com eles bem devargazinho, mostrando pra eles como é as coisas dá muito certo."⁵

⁵ Entrevista realizada em 29/04/06 com Joel Katarina da Silva, 39 anos, neto de Arthur Camilo Silvério - 2ª linhagem. In: PEREIRA, Priscila Gardênia Gonçalves. **Arturos: comunidade, resistência e tradição**. 2006. 118f. Projeto de pesquisa - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Departamento de História

A comunidade dos Arturos vem sendo analisada por vários estudiosos, muito em função de seu patrimônio cultural, mas com foco em sua religiosidade ou em suas expressões artísticas como suas músicas e seus cantos. Meu objetivo difere destes comumente encontrados e parte do princípio que a análise sobre qualquer aspecto cultural das sociedades modernas, onde tudo se movimenta em direção internacionalizada e em altíssima velocidade, não pode deixar de considerar a negociação estabelecida entre o tradicional e o moderno. Seus efeitos não são percebidos somente na política e na economia. As várias formas e expressões culturais também o sofrem.

Muitas são as ações que visam a manutenção de sua identidade. No entanto a Comunidade dos Arturos não está fechada para o resto da sociedade. Podemos compreender o quanto a Comunidade dos Arturos está cada vez mais interagida com o externo, quando percebemos que a contrapartida para a verba destinada a custear uma das cinco festas religiosas que tem durante o anos é a permissão de que seus grupos de dança e música divulguem sua cultura se apresentando em escolas municipais da região.

Além do exemplo de interação citado acima temos que considerar também não só o momento onde a comunidade dos Arturos sai de seu universo para se mostrar e se apresentar a outros, mas também o momento em que ela recebe seus visitantes de braços abertos, como uma verdadeira anfitriã que lhe serve um café. Se permite fotografar. Responde a todas as perguntas de pesquisadores sentindo orgulho nisso. Dança para ser vista. Canta para ser ouvida e dá a benção quando vamos embora.

Referências Bibliográficas:

- 1 GARCIA CANCLINI, Néstor. Negociação da identidade nas classes populares. In: *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996. p.223-245. 266p.

- 2 GONÇALVES, Jose Reginaldo Santo. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. 316p; p.29-29

- 3 HALBWACHS, Maurice. Memória Coletiva e Memória Individual. In: **A memória coletiva**. São Paulo: Vertice, 1990. p 25-52

- 4 PEREIRA, Priscila Gardênia Gonçalves. **Arturos: comunidade, resistência e tradição**. 2006. Projeto de pesquisa - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Departamento de História.

- 5 NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História**. nº10, Dezembro de 1993. p1-178.